

# CEDI

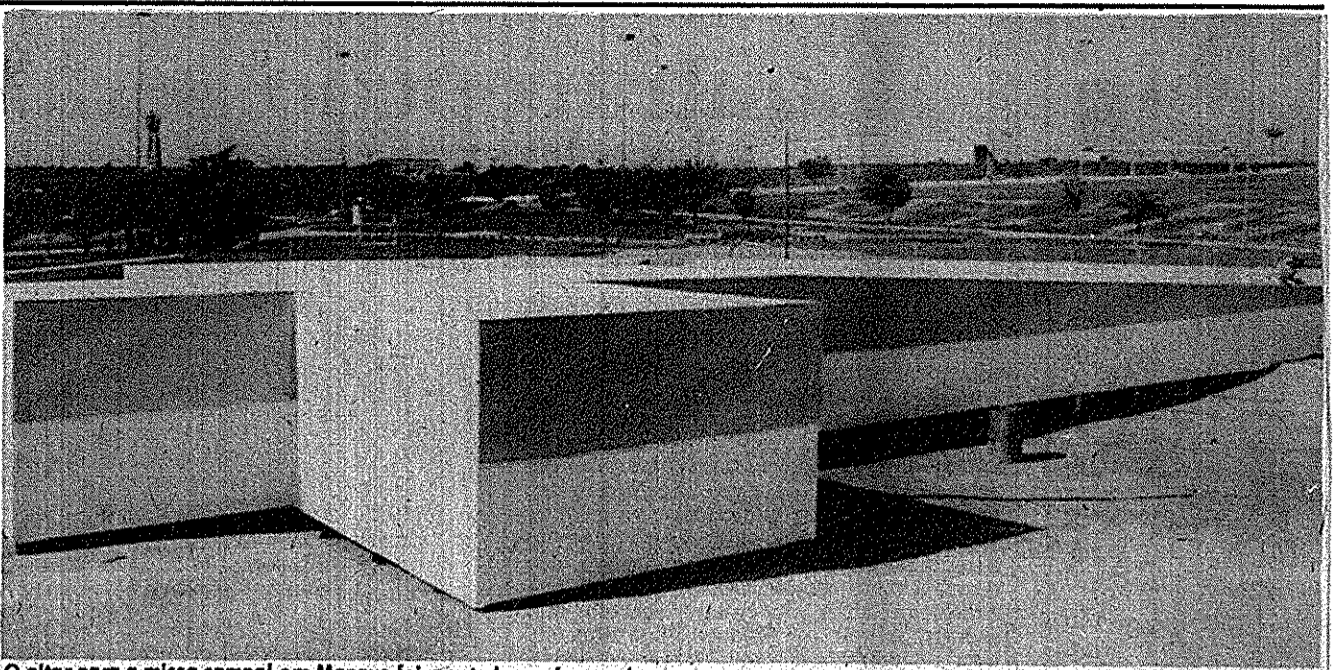
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Folha de São Paulo*

Class.: 819

Data *10 de Julho de 1980*

Pg.:



O altar para a missa campal em Manaus foi montado em forma de cruz.

### Cimi denunciará ao Papa os problemas dos índios

A cobertura dos preparativos para a visita do Papa a Manaus é dos repórteres Carlos Alberto Luppi, Iredê Cardoso e José Ribamar (textos) e de Ademir Barbosa (fotos).

"O Papa vai perceber em Manaus, na capital índia do Brasil, a trágica situação dos atuais 210 mil índios brasileiros, contra os quais se pratica um genocídio que o cristianismo abomina e condena sem reservas. A situação do índio brasileiro é pior do que a dos esfomeados de Biafra ou dos refugiados do Camborja. De 1500 para cá sem dúvida alguma, esta é a década mais violenta contra os povos indígenas, esta é a década na qual existe e se utiliza a maior variedade de sofisticados e violentos instrumentos de agressão aos povos indígenas."

Esta declaração é do presidente nacional do Conselho Indigenista Missionário — Cimi, órgão da CNBB —, bispo dom José Gomes, de Chapecó. O bispo chegou anteontem à noite a Manaus, onde, juntamente com o padre Paulo Suess, secretário-geral do Cimi, o padre Egidio Schwade, ex-secretário do órgão, vários antropólogos e cerca de setenta chefes indígenas (inclusive o chefe xavante Juruna) participa de uma reunião que só termina hoje, ao meio-dia, de preparação do mais importante documento sobre a situação indígena brasileira, a ser entregue ao papa João Paulo 2.º.

O documento vai condenar basicamente todo o programa oficial do governo e da Funai junto aos índios, o projeto de emancipação indígena levado a efeito pelo governo, o plano de "estadualização" (a divisão da responsabilidade de tutela dos índios com os governos estaduais), as leis de tutela do índio pelo Estado nas quais o índio é considerado um incapaz, sem direito de ir e vir e de decidir sobre seu próprio destino), além da condenação formal da chamada "política de entreguismo das terras indígenas à passagem de projetos governamentais e ao interesse dos latifundiários e capitalistas".

"A situação hoje no Brasil é de permanente luta para garantir a posse sobre suas tradicionais terras, que estão sendo invadidas com a expansão acelerada do capitalismo. Principais vítimas do "milagre brasileiro", os povos indígenas consideraram que a luta pela terra é a luta fundamental para garantir sua própria sobrevivência. Seria demasiado enumerar aqui, caso por caso de agressão aos territórios indígenas. Os principais inimigos dos povos indígenas são o grande capital financeiro, o latifúndio, as empresas madeireiras, as hidrelétricas, as grandes fazendas agropecuárias, as rodovias e as empresas de mineração, além da Funai que atua a serviço do grande capital."

O documento cita alguns casos específicos de agressão. Fala da situação dos índios Ianomani, dispersos em 320 aldeias na fronteira do Brasil com a Venezuela, onde vivem dezessete mil índios ameaçados pela Estrada Perimetral Norte que leva até eles doenças, pestes, fome, ocasiona mortes, além das empresas de mineração de cassiterita, cujas administrações tentam expulsá-los de suas terras. O documento fala na criação do Parque Ianomani, desejada por todos e até por organismos internacionais como "fundamental para a proteção aos índios dessa Nação". Na área brasileira, os Ianomani habitam as serras Couto Magalhães e dos Surucucus, em Roraima.

O documento cita ainda a situação dos dez mil índios Parakanãs que estão com suas terras ameaçadas pela construção de hidrelétricas planejadas pelo governo para beneficiar grandes grupos econômicos. Estes índios habitam a região dos rios Tocantins e Xingu (no Pará). Com a construção da Transamazônica, seu território foi invadido e espollado, e mais de trezentos índios foram mortos. No início deste ano, mais de 95 por cento dos Parakanãs estavam atacados por forte epidemia de gripe, como consequência dos contatos. Na mesma época do ano, descobriu-se, através de exame feito pelo médico Antônio Madjus, que

dois agentes da Funai haviam transmitido sífilis a 35 índios desse aldeamento e "como consequência, nasceram oito meninos completamente cegos". E mais: "Também os fazendeiros envenenaram dezenas de índios no rio Cajazeiras; em 1976, mais de uma dezena de índios morreu de malária e em 1977 seis índios morreram de poliomielite e outros dezesseis foram assassinados."

O documento cita ainda outros casos, com relação aos índios do Maranhão e norte de Goiás, onde "empresas multinacionais, como a Swift, a Mineração Badin, Agropecuária América do Sul e outras, estão invadindo o território indígena. Em Janelo, os fazendeiros envenenaram áreas de imensa vegetação, matando cinco índios Guajás; além disso, açúcar envenenado, roupas contaminadas e produtos químicos desfolhantes seguem sendo usados para exterminar os povos indígenas. Em Mato Grosso, empresas agropecuárias, como a Tapiraguala, a Bodoquena (de propriedade de David Rockefeller) e Xavantina, tomam, através da violência as terras dos índios Xavantes, Bororó, Tapirape e Carajá."

O documento cita o caso de seis padres que morreram assassinados na defesa dos índios e de dez líderes indígenas também assassinados, com destaque especial para os assassinatos de Angelo Greitá (Kaingang, do Paraná), Angelo Xavier (Pankarê, da Bahia), Mateus e Moreira (Guajajaras, do Maranhão) e cinco Tikunas do Amazonas. O documento denuncia ainda a mudança de traçado na construção da estrada, Culabá-Porto Velho "para favorecer grupos econômicos e em prejuízo da as aldeias dos índios Nambiquaras, do vale do Guaporé, um caso de vergonha nacional".

"O reconhecimento das nações indígenas como nações, além de ser a única garantia para a posse efetiva do território e condição para sua inviolabilidade, implica numa redefinição imediata da política indigenista e a consequente definição do que se entende por autonomia de tais nações. A formulação de uma política de comunicação, divulgação e educação, nas quais seriam respeitadas e usadas as línguas indígenas, a criação de toda uma infra-estrutura para execução desta política, a definição da função e do uso das línguas em questão e a aquisição pelas chamadas minorias étnicas do português como segunda língua, além de uma série de medidas no campo econômico e político são fundamentais" — afirma o documento.

Ontem, o presidente do Cimi, dom José Gomes, bispo de Chapecó, antecipou que o documento vai falar também da situação dos índios Krenakorore, dizimados em um ano, após o contato dos índios Suruí, dos quais restam apenas trezentos de uma população inicial de quatro mil. E acrescentou: "A Funai é uma forma elegante de matar índios, já que o órgão abre caminho para as grandes empresas exterminarem os índios."

Os padres do Cimi — mais de seiscentos que realizam um trabalho de respeito às comunidades indígenas e de apoio às suas reivindicações justas, sem se preocupar em catequizar os índios, ao contrário de uma ala da Igreja mais tradicionalista, que considera o índio um "pagão" a ser conquistado — esperam que João Paulo 2.º se defina claramente em favor da promoção humana junto às comunidades indígenas. O presidente do Cimi considera que a Igreja no Brasil não está dividida com relação aos povos índios na questão da terra: "Toda a Igreja acha fundamental garantir ao índio a posse real de suas terras, mas na questão da evangelização há diferenças na linha do Cimi e na linha de padres mais catequistas. Eu não posso negar que a omissão e o medo de muitos padres, com relação ao problema do índio, têm causado problemas. Espero que a visita do Papa contribua para unir esforços."

### Expectativa na reunião com índios

O encontro com os indígenas, não apenas os da região da Amazônia, como os de outros Estados, será a principal atividade do papa João Paulo 2.º, hoje, em Manaus — na última etapa de sua visita ao Brasil.

O desembarque do Papa, no aeroporto internacional Eduardo Gomes, está previsto para as 18 horas, devendo ser presenciado apenas pelas autoridades, religiosos e pela imprensa. Depois das solenidades de praxe, João Paulo 2.º desfilará de carro aberto até a Catedral Metropolitana, quando será saudado pelo povo ao longo de todo o trajeto. Estima-se o comparecimento de 500 mil pessoas.

O encontro na Catedral será puramente pastoral, voltado especialmente para os missionários que trabalham na região e destinados apenas aos convidados oficiais — 200, ao todo. A Igreja estará decorada com flores regionais, em estilo tropical.

O altar da Catedral Metropolitana de Manaus, na oportunidade, receberá a bênção papal. É todo de mármore e foi construído para os festejos do centenário, em 1978. Somente agora, ter a oportunidade de receber a bênção especial, do Chefe da Igreja.

#### UMA SAUDAÇÃO

Durante o encontro, o Papa será saudado por dom Milton Corrêa Pereira, arcebispo de Manaus, com estas palavras: "Só temos uma expressão: é a ação de Graças de Deus, pela vinda do papa João Paulo 2.º a Manaus. O Santo Padre, conforme o pedido que Cristo fez a Pedro: "Confirma teus irmãos!" (1c. 22, 31-32). Ele nos fortalece a fé em Cristo e na Igreja. Ele confirma, com a força de Deus, a nossa esperança e a nossa comunhão e participação. E esse o seu objetivo, no peregrinar pelo mundo, pelo Brasil, por Manaus".

"A visita a Manaus se reveste, também, de um sentido especial, por causa de nossas peculiaridades indígenas e missionárias. O Papa as conhece. Ouvirá ainda mais sobre elas e dirá sobre o assunto sua palavra de pai e de pastor. Por tudo isso, muito obrigado, Santo Padre! Manaus vos acolhe e vos ama!" — diz a saudação do arcebispo.

#### CADEIRA HISTÓRICA

Durante a saudação, o Papa ficará sentado na cadeira que foi utilizada pelo primeiro arcebispo de Manaus, dom José Lourença. A cadeira sofreu algumas reformas e está preparada para receber João Paulo 2.º. Depois de usada, continuará na Catedral, como símbolo de dois grandes acontecimentos: da posse do primeiro arcebispo de Manaus e da visita que o Papa fez ao Brasil.

Depois das cerimônias, o Papa irá para a sede do arcebispo, onde pernoitará. O prédio foi totalmente recuperado, recebendo as cores do Vaticano. Após o jantar, o Papa terá o encontro pastoral com indígenas e missionários. João Paulo 2.º e sua comitiva vão jantar na arquidiocese e a refeição será peixada típica.